

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Gple ABC Class.: Fund. Mata Virgem
 Data: 23.05.89 Pg.: 180

Cultura & Lazer

Sting descreve luta pela Amazônia

ROSANE PAVAM,
 Editora de Cultura e Lazer

As livrarias Siciliano põem à venda o álbum de textos e fotografias intitulado *Jungle Stories — The Fight for the Amazon*, do compositor inglês Sting e do cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux. São 128 páginas em cores, com belas fotos e textos em inglês, pela editora Barrie e Jenkins. Os direitos dessa venda (o exemplar custa NCz\$ 38,01) vão para a Fundação Mata Virgem. Sting, o ilustre roqueiro Gordon Summer, cria de um grupo chamado *The Police*, agora se aventura a entender *The Forest*.

A ecologia, marketing seguro dos anos 90, mereceu um tratamento digno nesta edição. Relatos sobre a floresta amazônica e os passeios cheios de perigos de Sting por ela, a briga do caiapó Raoni para mantê-la, o encontro do chefe indígena com o Sioux Red Crow e informações sobre a Fundação Mata Virgem tomam parte do livro. Não há quem resista ao forte apelo de um trabalho assim, que versa sobre uma necessidade de preservação indiscutível e remonta às origens do homem. Deve vender bem.

Sting, como grande parte da comunidade do Primeiro Mundo, sente uma revolta histórica pelo estado de abandono a que foram relegados os índios e as florestas, vítimas de ação colonizadora. Ativistas daquele dado civilizado do planeta cobram dos governos latino-americanos uma fiscalização efetiva de toda a região e a manutenção das áreas indígenas. Hoje em dia, após tantas e assumidas explorações indevidas dos recursos naturais, base da civilização que Europa e América do Norte construíram, a preservação ecológica é item de cobrança internacional inclusive por parte dos bancos. Há dez anos, se se aventurasse a expor seus pontos de vista esclarecedores sobre a devastação amazônica, Sting possivelmente seria fuzilado — vale aí ou não o entendimento metafórico — por um arsenal de argumentos federais cercando a necessidade de desenvolvimento. Há dez anos, Sting talvez não contasse com a força de governos arrependidos a lhe garantir esta excursão pelo maravilhoso mundo primitivo.

De qualquer forma, Mr. Summer está sabendo fazer bem a coisa, atraindo para sua pessoa *pop* a vontade mundial de viver em um mundo limpo e decente. Chegou a pedir ajuda japonesa nesta cruzada — esquecendo-se, talvez, que aquela nação é conhecida pela devastação interna que promove, com aterros no oceano para a construção de ilhas artificiais onde possa caber mais gente. Mas esta é uma questão irrelevante. Saber aplicar em ecologia é saber ganhar dinheiro, e talvez o próprio governo japonês tenha sabido entender isso antes de qualquer um. Menos mal.

Sting relata suas dificuldades com a burocracia brasileira, a corrupção dos órgãos federais que gostariam de impedir sua visita ao Xingu, ocorrida após o concerto de sua banda no Maracanã — patrocinada pela Pepsi-Cola — em dezembro de 1987. Queria ver de perto a devastação diária, a cada minuto, de 60 acres de floresta. Para isso, foi, na companhia de Dutilleux e de sua mulher Trudie Styler, opor-se às resistências da Funai à visita. Venceu. Apesar de receber ordens para não adentrar o Xingu com a trupe, fez o voo proibido — simplesmente porque a filha do corajoso piloto admirava o roqueiro, e acabou facilitando as coisas.

As descrições seguem por aí. Mostra-se as habitações indígenas, as crianças nativas em seu meio o chefe caiapó Raoni, os guerreiros, o descanso do percussionista Mino Cinelu no meio da mata, ouvindo e reproduzindo sons. Sting aparece pintado para uma cerimônia de guerra — e faz uma careta brava, com um fundo de sensualidade, para a câmera.

Na altura da página 69, quando todo o deslumbramento e a aventura de Sting já foram descritas, surge a figura de Raoni, descrita por Dutilleux — que com ele se encontrou em 1973, para a realização de um filme — como um guerreiro da floresta. Na página 82, uma foto descreve o espantamento até a morte, promovido pelos caiapó, de lenhadores que avançaram em áreas sagradas.

E Dutilleux quem descreve o encontro do chefe indígena Sioux Floyd Red Crow Westerman com Raoni no Xingu, após a autorização do governo



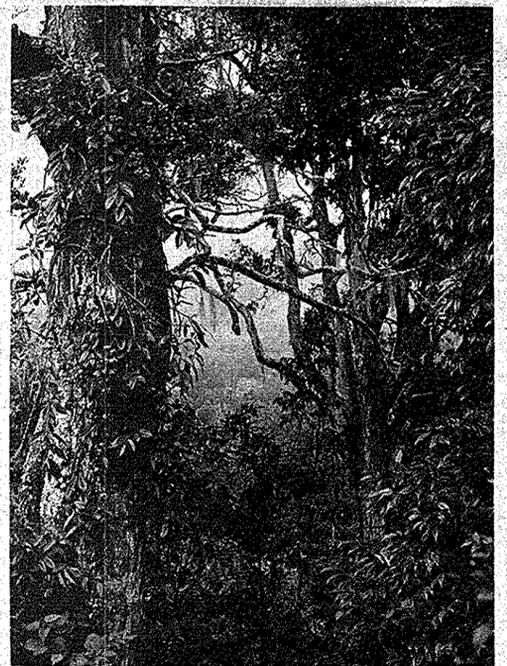
Sting empresta um olhar para o futuro da Amazônia, sua recente paixão, em foto do cineasta belga Dutilleux

brasileiro para o encontro, que demorou um mês para chegar.

“A Amazônia é um grande sonho, um sonho que nos traz de volta ao seio da floresta. Enquanto escrevia isso em nosso avião de lata, uma comunicação via rádio nos informava, em pânico, o que o avião com nossa equipe de filmagem havia aterrissado no meio da selva. Nesse momento, percebi quão rapidamente o sonho da Amazônia pode se converter em pesadelo”, diz Sting em sua *Carta a Alta-*

mira, de fevereiro de 1989, em que conta sua conversa com Fernando Mesquita, presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, sobre o estado das coisas na região.

O livro existe por uma boa causa e, se você puder desembolsar NCz\$ 38,01 para adquiri-lo e se a sua admiração por Sting ainda não atingiu o limite do tédio, deve ler essas *Jungle Stories*. Afinal, é a volta ao saudável primitivo o grande ideal de nossa era.

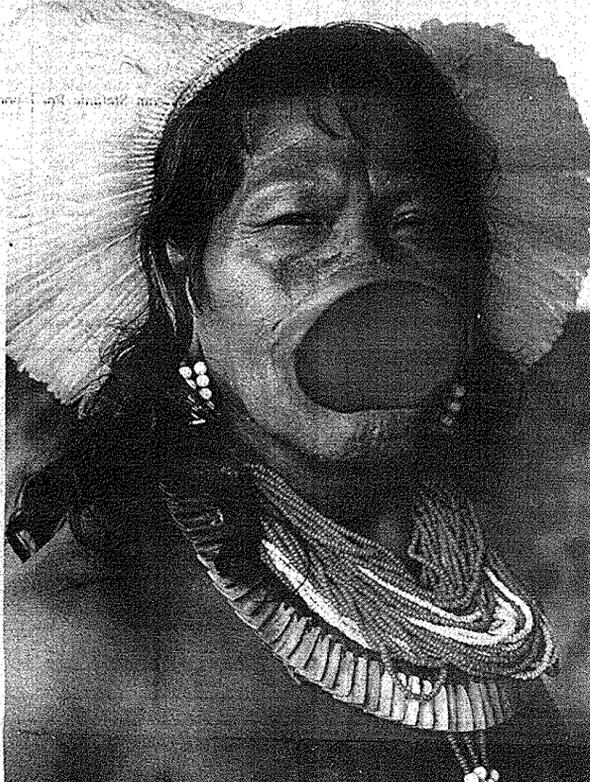
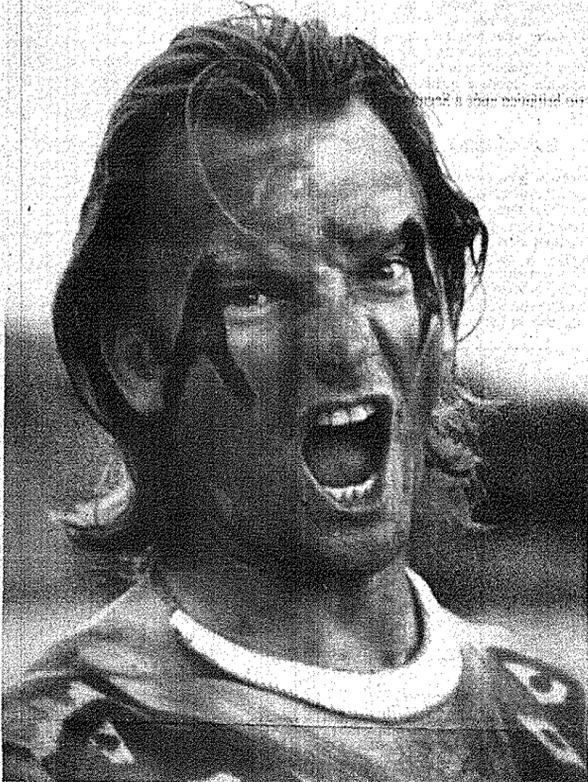


Instantâneo da floresta, por Jean-Pierre Dutilleux

Fundação quer educar

Da Redação
 A Fundação Mata Virgem — Rainforest Foundation, como a conhecem europeus e norte-americanos — foi criada neste ano para ajudar na preservação da floresta Amazônica e dos povos indígenas que a habitam. Cresceu em função da consciência dos líderes das tribos de que sua causa necessitava de mobilização urgente, e do interesse de cidadãos brasileiros pelas consequências que uma devastação da região tropical poderia ocasionar à Amazônia e a todo o mundo.
 Os objetivos da Fundação, descritos na última página do livro *Jungle Stories*, são preservar a floresta ao redor das tribos indígenas remanescentes, desenvolver a consciência mundial para o problema que atinge a vegetação e os habitantes da mata e promover, a partir de lá estudos ambientais em todos os currículos educacionais. “A devastação da floresta tropical é a maior ameaça que o mundo jamais sofreu — uma ameaça comparável à guerra nuclear” — diz Sting à página 12. “Se formos capazes de entender isso, teremos o dever de agir imediatamente”.

Ao lado, o chefe Sioux Red Crow realiza um ritual sagrado na área de demarcação da floresta, após encontrar-se com o caiapó Raoni no Xingu; à esquerda, no alto, Sting, pintado por um caiapó, faz pose de guerreiro; e Raoni, símbolo da resistência, olha para o visor de Jean-Pierre Dutilleux, um cineasta belga apaixonado pelas questões indígenas e da floresta desde 1973, quando esteve na região do Xingu pela primeira vez



O músico explica suas razões

Da Redação

Em uma introdução que explica os motivos da facção do livro *Jungle Stories — The Fight for the Amazon* (Histórias da Selva — A Luta pela Amazônia), Sting descreve suas próprias razões para começar uma campanha que considera imprescindível.
 “Como me meti em tudo isso? Encontrei-me na selva brasileira quase por acidente em 1987, em grande parte graças aos esforços de um homem chamado Jean-Pierre Dutilleux. Os eventos que se deram ali mudaram minha vida, pois visitar a floresta por uma vez que seja significa permanecer fascinado, para sempre, com toda a sua misteriosa beleza, e tornar-se consciente de quão importante é sua preservação para todo o planeta”.
 “Neste livro, Jean-Pierre e eu tentamos explicar o que acontece com a flores-

ta brasileira, o que ocorreu a nós e o que pode ser feito para interromper a destruição. Espero que gostem do livro e que ele evoque algo da mágica região e das pessoas que lá vivem”.

“Se formos bem-sucedidos em nosso plano e conseguirmos convencer o maior número possível de pessoas, então permaneceremos afastados de nossos amigos ecologistas e voltarei à cena, para cantar pela vida”.

Mais a frente, ele relata as razões de sua luta. “A Amazônia está morrendo. A floresta, a vida animal e vegetal, povos indígenas e suas culturas primitivas, a esperança de encontrar novas curas para doenças, e provavelmente a saúde do nosso planeta inteiro estão sob riscos. (...) Nós, povos de outras nações, não somos testemunhas remotas. Nós compartilhamos a culpa e devemos encontrar uma maneira de salvar a floresta”.

